

CONHECIMENTOS ACERCA DOS MÉTODOS CONTRACEPTIVOS HORMONAIS ENTRE ACADÊMICAS DE ENFERMAGEM

Bárbara Ribeiro da Mota¹
Shirley Kellen Ferreira²
Thallita de Freitas Ramos³
Anna Kharolyna Aciole Correia⁴

RESUMO: Os métodos contraceptivos são todos os recursos utilizados por homens e mulheres para evitar uma gravidez indesejada. Os mais utilizados são os contraceptivos hormonais orais. Alguns dos principais benefícios dos contraceptivos hormonais são: regularizar os ciclos menstruais; reduzir os índices de anemia por deficiência de ferro e, através da inibição da ovulação, abrandar as dores abdominais causadas pelos cistos ovarianos, além de evitar a gravidez. Dentre as complicações do seu uso estão: possibilidade de surgimento de cancro de mama e a trombose. Esses medicamentos podem sofrer alterações em seus efeitos, caso tomados concomitantemente com outras drogas, como por exemplo, os antibióticos. O objetivo do estudo é descrever os conhecimentos das acadêmicas do curso de enfermagem de uma universidade pública do Estado de Goiás acerca dos métodos contraceptivos hormonais. Trata-se de um estudo exploratório, descritivo e transversal, que teve como participantes 92 acadêmicas do curso de enfermagem. Os dados foram coletados através de um formulário eletrônico do *Google Forms* em fevereiro de 2021. Verificou-se que o perfil predominante das entrevistadas é: idade entre 18 e 30 anos, solteiras, sem filhos, católicas, sendo que 70% delas referem que utilizam ou já utilizaram métodos contraceptivos hormonais e destas, 55% por período entre 2 e 5 anos, cujo principal objetivo do uso é a prevenção da gravidez. Referem ainda que o utilizam sob orientação profissional; de forma correta e que conhecem as interações medicamentosas do método contraceptivo hormonal.

Palavras-chave: Anticoncepção. Estudantes. Enfermagem. Saúde da mulher. Saúde coletiva.

¹Pós-graduanda em Auditoria em Serviços de Saúde e Enfermagem em gestão de qualidade e segurança do paciente, ambas pela DNA Pós-graduação. Enfermeira formada pela Universidade Estadual de Goiás UnU Ceres

²Docente do Ensino Superior na Universidade Estadual de Goiás – Unidade Universitária de Ceres, Mestre em Saúde Coletiva pelo IPTSP/UFG Enfermeira formada pela Universidade Federal de Goiás.

³Docente do Ensino Superior na Universidade Estadual de Goiás – Unidade Universitária de Ceres, Mestre em Enfermagem pelo PPGENF - FEN/UFG Enfermeira formada pela Universidade Estadual de Goiás - UnU Ceres.

⁴Pós-graduanda em Enfermagem do Trabalho pela DNA Pós-graduação Enfermeira formada pela Universidade Estadual de Goiás - UnU Ceres.

ABSTRACT: Contraceptive methods are all the resources used by men and women to prevent an unwanted pregnancy. The most commonly used are oral hormonal contraceptives. Some of the main benefits of hormonal contraceptives are: regularize menstrual cycles; reduce rates of iron deficiency anemia and, by inhibiting ovulation, alleviate abdominal pain caused by ovarian cysts, in addition to preventing pregnancy. Among the complications of its use are: possibility of breast cancer and thrombosis. These drugs may change their effects if taken concomitantly with other drugs, such as antibiotics. The objective of the study is to describe the knowledge of the academics of the Nursing course of a public university in the State of Goiás about hormonal contraceptive methods. This is an exploratory, descriptive and cross-sectional study, which had 92 nursing students as participants. Data was collected through a Google Forms electronic form in February 2021. It was discovered that the predominant profile of interviewees is: aged between 18 and 30 years old, single, without children, catholic, with 70% of them reporting that they use or have used hormonal contraceptive methods and of these, 55% for an amount of time between 2 and 5 years, whose main purpose of use is the prevention of pregnancy. They also mention that they use it under professional guidance; correctly and who know the drug interactions of the hormonal contraceptive method.

Keywords: Contraception. Students. Nursing. Women's health. Collective health.

INTRODUÇÃO

A questão do controle da natalidade no Brasil é antiga e conflituosa. No final do século XIX, com o objetivo de habitar as áreas menos populosas, o governo estimulou o crescimento populacional. Entretanto com a aceleração da natalidade ocorrida no período após a Guerra Fria e após a II Guerra Mundial os órgãos internacionais, conduzidos pelo pensamento de que quanto maior o número de nascimentos, maior a miséria e objetivando sanar os problemas higienistas e sanitários do país, sugeriram que fossem inseridas políticas antinatalistas (BARRETO, 2020; SILVA *et al.*, 2011).

Dessa forma, as lutas relacionadas a saúde reprodutiva no Brasil enfrentaram diversos entraves até o final dos anos 70, a começar pelo Estado autoritário, o qual impunha limites e barreiras com relação a evolução da saúde reprodutiva, sem contar com o limitado lugar social ocupado pela mulher, e os programas verticais de Planejamento Familiar (PF), implementados pelos órgãos internacionais desde a década de 60, já mencionado (SILVA *et al.*, 2011).

Segundo Finotti (2015) as mulheres brasileiras estavam exaustas de serem pauta de debates, apenas como se suas únicas necessidades fossem relacionadas à gestação e

ao parto, em um regime militar autoritário (1964-1985) no qual, elas não tinham voz. “Os programas materno-infantis, elaborados nas décadas de 30, 50 e 70, traduziam uma visão restrita sobre a mulher, baseada em sua especificidade biológica e no seu papel social de mãe e doméstica (...) (BRASIL, 2004).

Por sua vez, elas começaram a lutar pelos seus direitos e conseqüentemente, criaram o movimento feminista (FINOTTI,2015). E devido a sua forte atuação no campo da saúde, esse movimento foi imprescindível para a introdução, na agenda política nacional, das questões que estavam em segundo plano, como a sexualidade, a reprodução, a anticoncepção, a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e sobrecarga de trabalho (BRASIL, 2004).

Diante dessa realidade, em 1984, o Ministério da Saúde implantou a Política de Assistência Integral à Saúde da Mulher (PAISM), que tem como objetivo, uma visão holística do sexo feminino, englobando as questões relacionadas à clínica ginecológica, ao pré-natal, parto, puerpério, climatério, planejamento familiar, Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST's), câncer de mama e de colo de útero, bem como toda e qualquer necessidade da mulher. Concomitantemente, “no âmbito do movimento sanitário se concebia o arcabouço conceitual que embasaria a formulação do Sistema Único de Saúde (SUS)” (BRASIL, 2004).

Logo em seguida, ocorre a instituição do SUS, em 1988, com a promulgação da Constituição Federal Brasileira, em 1988, que influenciou sobremaneira na implantação do PAISM (BRASIL, 2004; FINOTTI, 2015).

Nessa perspectiva, todo indivíduo possui direito ao planejamento sexual e reprodutivo, livre de discriminação e com autonomia para escolher ou não o momento mais adequado para ter filhos e liberdade para ter uma vida sexual ativa. E o SUS oferece total assistência, desde os métodos para concepção e anticoncepção, como também, orientação e acompanhamento por um profissional de saúde (BRASIL, 2015).

O Planejamento Familiar no Brasil foi regulamentado pela Lei n.º 9.263, de 12 de janeiro de 1996, a qual regula o § 7º do art. 226 da Constituição Federal, que trata do planejamento familiar, estabelece penalidades e dá providências (BRASIL, 1996):

Entende-se planejamento familiar como o conjunto de ações de regulação da fecundidade que garanta direitos iguais da constituição, limitação ou aumento da prole pela mulher, pelo homem ou pelo casal (BRASIL, 1996).

Segundo o Manual de anticoncepção da FEBRASCO (Federação Brasileira das Associações de Ginecologia e Obstetrícia) (FINOTTI, 2015, p. 10):

Anticoncepção corresponde ao uso de métodos e técnicas com a finalidade de impedir que o relacionamento sexual resulte em gravidez. É um recurso de Planejamento Familiar, para a constituição de prole desejada e programada de forma consciente (FINOTTI, 2015, p. 10).

Existem várias opções de métodos anticoncepcionais, os quais são classificados em dois grupos. O primeiro é composto pelos métodos reversíveis, que são aqueles que podem ser utilizados e interrompidos assim que a mulher desejar engravidar, e são eles: os comportamentais, de barreira, dispositivos intrauterinos (DIU), hormonais e de emergência. O segundo grupo compreende os métodos definitivos: esterilização cirúrgica feminina ou laqueadura e esterilização cirúrgica masculina ou vasectomia (FINOTTI, 2015).

Segundo Brasil (2009) e Farias *et al.* (2016) a Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde da Criança e da Mulher (PNDS), realizada em 1996 e em 2006, buscou, entre outros, obter dados sobre os métodos contraceptivos mais usados no Brasil e chegou à conclusão que eram os contraceptivos hormonais orais, utilizados por 22,1% dos participantes, perdendo apenas para os métodos tradicionais como tabelinha e abstinência periódica, utilizados por 67,8%. Ainda para Herter e Acceta (2001), os anticoncepcionais hormonais orais são os mais consumidos devido ao fácil acesso, eficiência do medicamento, por não interferir nas relações sexuais e pela segurança.

Os Anticoncepcionais Oraís (ACO), por sua vez, podem ser classificados em pílulas monofásicas, bifásicas e trifásicas, bem como ainda podem ser divididas em gerações, conforme as doses farmacológicas de estrogênio, presente na medicação, sendo elas: 1^o geração: 0,150 mg; 2^o geração: 0,050 mg; 3^o geração: 0,030 mg e 4^o geração: 0,020 mg. E os mais usados pelas mulheres brasileiras são respectivamente os ACO com os seguintes nomes comerciais: Ciclo 21, Yasmim, Tamisa, Selene, Microvlar e Diane 35 (SOUSA; ÁLVARES, 2018).

Já os contraceptivos hormonais injetáveis podem se apresentar de duas formas, podendo sua aplicação ser mensal ou trimestral (LUPÍÃO; OKAZAKI, 2011). Esse tipo de método é essencial para mulheres que se esquecem de tomar a medicação todos os dias no mesmo horário, no caso do uso dos ACO, sendo este fato um problema, visto que sua eficácia depende da correta posologia diária (ALMEIDA; ASSIS, 2017).

Além do efeito contraceptivo, os anticoncepcionais podem gerar alguns benefícios, tais como: regularizar os ciclos menstruais; reduzir os índices de anemia por deficiência de ferro; agir positivamente em relação as doenças benignas da mama; abrandar as dores abdominais causada pelos cistos nos ovários, quando existentes; reduzir o fluxo menstrual e os desconfortos causados na mulher no período da Tensão Pré-Menstrual (TPM) (SANTOS *et al.*, 2006). Outro ponto positivo relacionado ao seu uso, buscado principalmente pelas adolescentes, é a redução de acne (BRANDT; OLIVEIRA; BURCI, 2018).

Os efeitos colaterais causados pelo uso de anticoncepcionais, principalmente se utilizados por um período de tempo prolongado são: dor de cabeça; aumento do peso em um curto período de tempo; acúmulo de líquido corporal; trombose; aumento e sensibilidade das mamas; náuseas; Acidente Vascular Encefálico (AVE); alteração do colesterol biliar; entre outros (POLI *et al.*, 2009). Também é esperado, de acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS, 2007), que mulheres que tomam os ACOs combinados por um período de cinco anos ou mais, manifestem uma pequena associação entre o Papilomavírus Humano (HPV) e a rapidez do desenvolvimento de câncer cervical.

Outro fato importante é que esses medicamentos podem sofrer redução da sua eficácia, se tomados juntamente com antibióticos, anticonvulsivantes e barbitúricos (SANTOS *et al.*, 2006). Neste sentido, considerando essas classes de medicamentos, foram relacionados a perda dos seus efeitos à algumas drogas como a Rifampicina, Carbamazepina, Fenobarbital, Fenitoína, entre outras (MONTEIRO, 2005).

Ainda com relação aos métodos contraceptivos hormonais, ainda existe a Contracepção de Emergência (CE), popularmente conhecida como Pílula do Dia Seguinte. Ela é utilizada para prevenir uma gravidez indesejada, em casos de violência sexual, relação desprotegida, ruptura do preservativo durante a relação e esquecimento do uso do anticoncepcional oral. Ela pode ser dividida em duas apresentações diferentes: uma com 2 comprimidos de 750µg de levonorgestrel e o outro por estroprogestativo, com 4 comprimidos compostos por 50µg de etinilestradiol e 250µg de levonorgestrel (MONTEIRO, 2005).

Com relação ao conhecimento quanto ao uso correto, quanto aos efeitos colaterais, interações medicamentosas advindas do uso dos contraceptivos hormonais, vários estudos tem sido publicados, visto que apesar desses métodos serem amplamente utilizados, as usuárias ainda apresentam dúvidas e incertezas. Um

exemplo disso é o estudo de Brandt; Rodrigues; Burci (2016) que verificou em uma Unidade Básica de Saúde de Curitiba que a maioria das entrevistadas no estudo não sabiam responder quando questionadas sobre efeitos adversos e interações medicamentosas dos contraceptivos hormonais.

Outro ponto interessante, justificado por Paiva *et al.* (2020), para a realização de um estudo que buscava identificar os métodos contraceptivos utilizados por acadêmicos da área de saúde, bem como os motivos que influenciavam a sua adesão e/ou rejeição, foi o fato de que o conhecimento acerca dos acadêmicos pode direcionar ações de educação em saúde e direcionar os currículos dos cursos, visto que se o assunto não é explorado adequadamente e poderá gerar impactos no futuro exercício profissional que gerará insuficiente educação sexual da sociedade.

Frente ao exposto, este estudo justifica-se pela popularidade do uso dos métodos contraceptivos hormonais, que acontece sem acompanhamento profissional, e pelo fato de que se espera que a comunidade acadêmica dos cursos na área da saúde e principalmente da enfermagem tenham maior conhecimento dessa temática, pelas diversas disciplinas afins, as quais os mesmos possuem em suas matrizes. Diante desses fatos esse estudo tem como objetivo descrever os conhecimentos das acadêmicas do curso de enfermagem de uma universidade pública no estado de Goiás acerca dos métodos contraceptivos hormonais.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo exploratório, descritivo de corte transversal, cujas participantes foram as acadêmicas do Curso de Enfermagem de uma universidade pública do interior do estado de Goiás, localizada a 180 Km de Goiânia, capital do estado.

O instrumento de coleta de dados foi um questionário online, aplicado por meio da Plataforma *Google Forms*, composto por 20 questões referentes aos aspectos sociodemográficos, a utilização e ao conhecimento acerca dos métodos contraceptivos hormonais, além do uso de drogas lícitas e prática de atividade física. Os questionários foram enviados por e-mail, no mês de fevereiro de 2021, para as alunas com matrículas ativas na universidade e que possuíam mais de 18 anos. Levaria entre 7 a 20 minutos para serem respondidos após a concordância expressa no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

A análise e interpretação de dados foram realizadas de forma descritiva, distribuindo as informações relatadas e organizando-as em gráficos, utilizando o software Office Excel da Microsoft, bem como foram utilizados também os recursos do próprio *Google Forms*, plataforma a qual foi criado o questionário.

Este estudo foi realizado após receber autorização do Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Estadual de Goiás, considerando-se os preceitos éticos, em 20 de janeiro de 2021, sob o Parecer N° 4.504.406 (CAAE: 40051720.3.0000.8113), acatando todas as recomendações da Resolução n.º 466 de 12 de dezembro de 2012 (BRASIL, 2012) e Resolução n.º 510 de 07 de abril de 2016 (BRASIL, 2016) do Conselho Nacional de Saúde.

RESULTADOS

O estudo contou com a participação de 92 estudantes do Curso de Enfermagem, em sua maioria com idade entre 18 a 30 anos (91,3%), solteiras (87%) e sem filhos (87%), que se declaram como católicas (40,2%) e utilizam ou já utilizaram métodos contraceptivos hormonais (70%) conforme a tabela 1, que traz a caracterização das participantes do estudo.

Tabela 1 - Caracterização das acadêmicas do Curso de Enfermagem (n=92) de acordo com faixa etária, estado civil, número de filhos, religião/crença e uso de contraceptivo hormonal.

Características das acadêmicas entrevistadas	18 a 30 anos (n = 84)		31 a 40 anos (n = 6)		Acima de 50 anos (n = 2)		Total (n = 92)	
	n	%	N	%	n	%	n	%
Estado Civil								
Casada	4	4,8	1	16,7	2	100,0	7	7,6
Divorciada			3	50,0			3	3,3
Solteira	79	94,0	1	16,7			80	87,0
União Estável	1	1,2	1	16,7			2	2,2
Total	84	100,00	6	100,0	2	100,0	92	100,0
Número de Filhos								
1 filho (a)	4	4,76	2	33,3			6	6,5
2 - 3 filhos (as)	3	3,6	1	16,7	2	100,0	6	6,5
Não	77	91,7	3	50,0			80	87,0
Total	84	100,0	6	100,0	2	100,0	92	100,0
Religião/Crença								
Adventista do Sétimo Dia	1	1,2					1	1,1
Ateísmo	1	1,2					1	1,1
Católica	35	41,7	2	33,3			37	40,2
Cristã	24	28,6			1	50	25	27,2

Espirita	2	2,4	1	16,7		3	3,3	
Evangélica	15	17,9	3	50,0	1	50	19	20,7
Não Possui	4	4,8					4	4,3
Protestante	2	2,4			0		2	2,2
Total	84	100,0	6	100,0	2	100	92	100,0

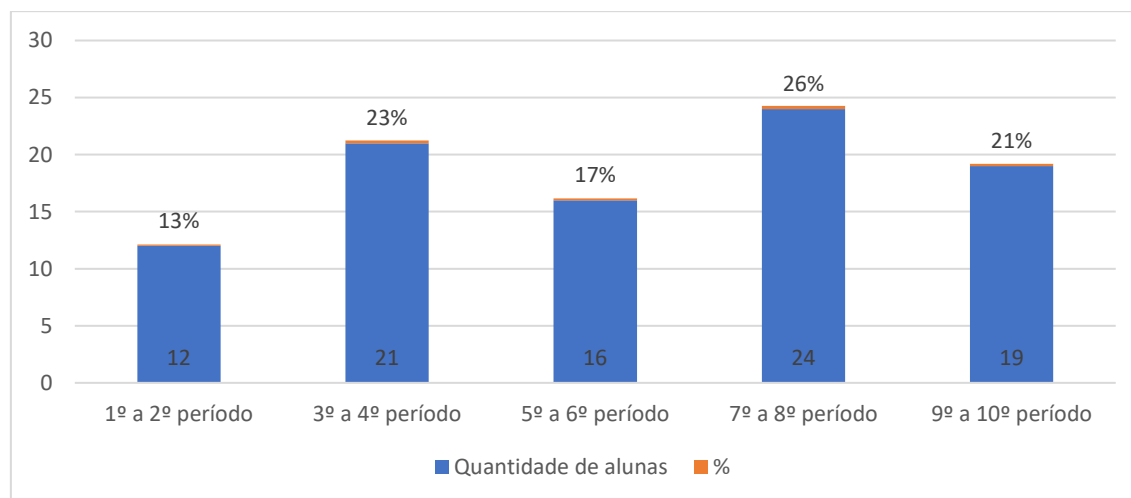
**Fez/Faz uso de algum método
Contraceptivo hormonal**

Sim	58	69%	4	67%	2	100%	64	70%
Não	26	31%	2	33%	0		28	30%
Total	84	100%	6	100%	2	100%	92	100%

Fonte: elaborado pelos autores.

Com relação ao período do curso em que as participantes do estudo se encontravam, o resultado nos mostrou que: 12 estavam no primeiro e segundo período (13%); 21 estavam no terceiro e quarto período (22,8%); 16 estavam no quinto e sexto período (17,4%); 24 estavam no sétimo e oitavo período (26,1%) e 19 estudantes estavam no nono e décimo período (20,7%), como pode ser verificado no gráfico 1, a seguir:

Gráfico 1 - Alunas matriculadas por período do curso de enfermagem.



Fonte: elaborado pelos autores.

Entre as participantes que informaram que fizeram ou fazem uso de métodos contraceptivos hormonais (70%), 64 participantes informaram sobre qual método hormonal utilizam/utilizaram, sendo que as respostas foram as seguintes: Anticoncepcional oral (89,1%); anticoncepcional injetável (8%); pílula do dia seguinte (2%). Nesse sentido, os nomes comerciais relatados por algumas delas foram: Diane 35, Yasmin, Nactali, Elani ciclo, Yumi, Primera 20, Selene, Ciclo 21, Belara e Ferane 35.

Ainda com relação a utilização de contraceptivos hormonais, das entrevistadas que utilizam/utilizaram algum método, 55 participantes informaram o tempo de uso: 1 (2%) citou ter feito o uso da pílula do dia seguinte uma vez; 16 (29%) relataram o uso de método por período compreendido entre 1 (um) a 12 (doze) meses; 24 (44%) relataram uso por período de 2 (dois) a 5 (cinco) anos; 9 (16%) informaram uso por período de 6 (seis) a 10 (dez) anos; 3 (5%) informaram uso por período de 11 (onze) a 15 (quinze) anos e 2 (4%) participantes não mensuraram o tempo, apenas disseram em ter usado por vários anos.

Tabela 2. Distribuição das participantes da pesquisa (n=92), do 1º ao 10º período do curso, em relação ao objetivo do uso do método, uso sob orientação profissional, uso correto e conhecimento de interações medicamentosas dos contraceptivos hormonais.

Variáveis relacionadas ao uso do método contraceptivo hormonal	1º e 2º período		3º e 4º período		5º e 6º período		7º e 8º período		9º e 10º período		Total Geral	
	n	%	n	%	n	%	N	%	n	%	n	%
Objetivo do Uso do Método												
Prevenir gravidez.	2	17%	9	43%	9	56%	8	33%	9	47%	37	40%
Regularizar os ciclos menstruais.	2	17%	2	10%	1	6%	5	21%	2	11%	12	13%
Tratamento com cistos nos ovários.	3	25%	4	19%	0	0%	4	17%	1	5%	12	13%
Tratamento hormonal (como acnes).	1	8%	0	0%	0	0%	0	0%	1	5%	2	2%
Outro	1	8%	2	10%	0	0%	0	0%	1	5%	4	4%
Não respondeu	3	25%	4	19%	6	38%	7	29%	5	26%	25	27%
Total Geral	2	100%	21	100%	16	100%	24	100%	19	100%	92	100%
Utiliza o Método sob orientação de um profissional												
Não	2	17%	5	24%	3	19%	4	17%	1	5%	15	16%
Sim	8	67%	14	67%	8	50%	19	79%	13	68%	62	67%
Não respondeu	2	17%	2	10%	5	31%	1	4%	5	26%	15	16%
Total Geral	2	100%	21	100%	16	100%	24	100%	19	100%	92	100%
Utiliza o método Corretamente												
Não	0	0%	6	29%	2	13%	6	25%	3	16%	17	18%
Sim	9	75%	11	52%	9	56%	13	54%	10	53%	52	57%
Não respondeu	3	25%	4	19%	5	31%	5	21%	6	32%	23	25%
Total Geral	2	100%	21	100%	16	100%	24	100%	19	100%	92	100%
Possui conhecimento sobre as interações medicamentosas do método hormonal												
Não	2	17%	5	24%	2	13%	1	4%	1	5%	11	12%
Sim	0	83%	16	76%	14	88%	23	96%	18	95%	81	88%
Não respondeu	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%
Total Geral	2	100%	21	100%	16	100%	24	100%	19	100%	92	100%

Fonte: elaborado pelos autores.

De acordo com a tabela 2, em relação ao objetivo do uso do método contraceptivo Hormonal, 37 (40%) participantes relataram o consumo com a finalidade de prevenir a gravidez; 62 (67%) relatam que o utilizam sob orientação de um profissional; 52 (57%) referem fazer o uso do método de forma correta e 81 (88%) delas informam que conhecem as interações medicamentosas do método contraceptivo hormonal.

Em relação ao conhecimento das participantes sobre os métodos contraceptivos hormonais, a pergunta foi respondida por 91 participantes e as respostas das mesmas mencionavam em sua maioria que o método possuía mais de uma função, sendo que as respostas foram as seguintes: 86 responderam que a função é prevenir a gravidez (95%); 25 participantes informaram ser também para tratamento hormonal (27,5%); 1 referiu ser o método contraceptivo hormonal indicado para prevenir Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST's) (1,1%); 36 responderam que os métodos contraceptivos hormonais também são utilizados para regularizar os ciclos menstruais e diminuir seus sintomas (40%); 7 delas citaram que o método hormonal também é utilizado para tratamento uterino e ovariano (8%); 6 participantes fizeram menção à utilização como tratamento para peles acneicas (7%); 1 participante também respondeu que o método hormonal tem eficácia no tratamento da endometriose (1,1%) e 4 delas acreditam no tratamento de doenças não mencionadas (4,4%).

Importante evidenciar aqui que as acadêmicas dos últimos anos do curso manifestaram maior conhecimento quando questionadas quanto as interações medicamentosas dos contraceptivos hormonais, visto que 95% das acadêmicas do 7º e 8º períodos e 96% das acadêmicas do 9º e 10º períodos disseram que conheciam as interações medicamentosas.

No que se refere aos problemas relacionados ao uso do método contraceptivo hormonal, das 92 participantes, 77 delas responderam que não tiveram complicações (83,7%) com o uso do método e 49 participantes informaram que realizam atividades físicas (53,3%).

Já quanto ao uso de drogas lícitas concomitantemente ao uso dos métodos contraceptivos hormonais, apenas 84 participantes responderam a pergunta e 60 (71,4%) informaram que não utilizam drogas lícitas de forma concomitante. Ao avaliarmos as respostas positivas, realizando-se uma comparação quanto aos tipos de droga lícita consumida, verificou-se que a droga utilizada com predominância foi o álcool, uma vez que, 20 respostas foram positivas em relação ao uso do mesmo (24%).

Ainda quanto aos conhecimentos das participantes do estudo sobre os riscos e benefícios do uso dos contraceptivos hormonais, o estudo obteve respostas de todas as acadêmicas participantes, sendo que os benefícios mais mencionados nas respostas foram: prevenção de gravidez, controle do ciclo menstrual, tratamento para pele/acne e controle hormonal. Já em relação aos riscos referentes a tais métodos, os mais citados foram: trombose, acidente vascular encefálico (AVE), diminuição da libido, enxaqueca, embolia pulmonar e câncer de colo de útero, como pode ser verificado nos fragmentos de respostas a seguir:

Sim. Benefícios: regulação do ciclo, prevenção de gravidez, tratamento da pele, diminuição dos sintomas da TPM, diminuição da ocorrência de cólicas. Riscos: desenvolvimento de trombose, IAM, AVE, embolia pulmonar, instabilidade emocional, perda de libido, enxaqueca e sangramento uterino não desejado (PARTICIPANTE 6, 2021).

Não me vem as palavras certas na cabeça neste momento, sei que pode causar câncer futuramente, porem sei que ao mesmo tempo que regula nosso organismo pode também prejudica outras por ser uma bomba, onde os próprios efeitos colaterais nos mostram também. Eu passo por vários mas nunca tive ainda algum problema sério, e já pensei e cheguei à conclusão que só vou tomar por mais dois anos e depois não tomo mais, já que não tenho problemas pra fazer o uso continuo (PARTICIPANTE 23, 2021).

Os contraceptivos hormonais são de fácil acesso, se comparado a outros métodos contraceptivos, apresenta uma eficácia boa, pode auxiliar na diminuição de cólicas menstruais, assim como na intensidade do fluxo, auxilia no aparecimento de acnes o que faz com que a pele fique com uma aparência melhor, entretanto possui muitos efeitos colaterais, pode auxiliar no desenvolvimento de algumas doenças, diminui a libido da mulher de forma bastante significativa (PARTICIPANTE 89, 2021).

É um método mais acessível se comparado a outros, tem uma eficácia boa pode trazer benefícios para quem precisa de tratamentos hormonais e precisa diminuir as cólicas intensas e fluxos desregulados, pode levar ao desenvolvimento de doenças no útero, tem muito efeito colateral, e o mais indesejado é a diminuição da libido, pode vim a levar a mulher a ficar mais desanimada e triste (PARTICIPANTE 5, 2021).

Sobre seus benefícios, além da alta eficácia contra gravidez, temos a melhora da pele, a diminuição de cólicas e TPM, regulação do ciclo menstrual e redução do mesmo. Porém, normalmente, como toda vantagem possui suas desvantagens, entre os riscos acho que posso citar, possíveis desenvolvimento de câncer do colo do útero, aumento de pressão, AVE, desenvolvimento de trombose, diminuição da libido, aumento do peso, queda de cabelos, dor de cabeça e entre outros (PARTICIPANTE, 2021).

As participantes do estudo também foram questionadas quanto á ocorrência de gravidez durante o uso do método contraceptivo hormonal, ou seja, se a participante já havia engravidado mesmo em uso do método, e das 92 participantes, apenas 78 responderam, e destas 72 (92,3%) responderam que não haviam engravidado durante o uso do método.

Com relação ao fato de se sentirem preparadas em relação aos métodos contraceptivos hormonais, enquanto acadêmicas de enfermagem, das 92 futuras profissionais de enfermagem que participaram do estudo, 50 (54,3%) delas não se sentem preparadas acerca dessa temática.

DISCUSSÃO

Esse estudo buscou identificar o conhecimento das acadêmicas do curso de enfermagem de uma universidade pública acerca dos métodos contraceptivos hormonais. Os resultados evidenciaram que o anticoncepcional oral foi ou ainda é o método de escolha da maioria (89,1%) das acadêmicas participantes do estudo. Resultado que se assemelha aos achados nos estudos de Barboza *et al.* (2021) e Kramer *et al.* (2020) onde os autores verificaram também que a maioria (74,4%) das graduandas, 74,4% e 65,12%, respectivamente utilizavam contraceptivos hormonais.

Fato que também foi identificado na PNDS, realizada pelo Ministério da Saúde. Na pesquisa realizada em 1996 e em 2006, foi identificado que os métodos contraceptivos mais usados no Brasil eram os contraceptivos hormonais orais (BRASIL, 2009) o que para Herter e Acceta (2001) justifica-se por estes serem de mais fácil acesso, serem eficientes, seguros e por não interferir nas relações sexuais. Nesse sentido a ampliação da distribuição de contraceptivos através da atenção primária, bem como a inclusão de anticoncepcionais hormonais orais (ACO) e injetáveis no programa Farmácia Popular do Brasil são estratégias para aumento das taxas de anticoncepção no país (BARBOZA *et al.* 2021).

Assim como os resultados do presente estudo identificaram que a maioria das acadêmicas da área da saúde possuíam entre 18 a 30 anos, eram solteiras, não possuíam filhos e se declararam católicas, os estudos de Barboza *et al.* (2021); Paiva *et al.* (2020); Kramer *et al.* (2020); Sarmiento *et al.* (2018); Borges; Sabino; Tavares (2016) e Felipe *et al.* (2013) também encontraram as mesmas características em seus estudos.

O fato das acadêmicas se autodeclararem católicas é interessante, uma vez que, a própria religião é contra o uso do método contraceptivo hormonal, por ser considerado um ato pecaminoso (SILVA; CAVALCANTI; NASCIMENTO, 2020).

Observa-se ainda, que o conhecimento e a preparação das acadêmicas estão diretamente relacionados ao período/ano do curso que as mesmas estão cursando, uma vez que é notório que o grau de instrução das discentes que cursam os últimos anos é

maior em relação às que estão iniciando o curso (BORGES; SABINO; TAVARES, 2016).

De acordo com o uso dos métodos contraceptivos hormonais, das 49,3% das participantes do estudo de Felipe *et al.* (2013) que utilizam esse método, em relação ao tempo de uso 59,7% usavam por um período de um a cinco anos. Esse dado vai ao encontro do resultado encontrado neste estudo que identificou que 73% utilizam ou já utilizaram por período de 1 a 5 anos.

Os métodos contraceptivos apresentam uma eficácia de (99%) apenas se consumidos de forma correta, visto que os horários ingeridos interferem e devem ser iguais todos os dias para uma menor chance de gravidez por erro na sua posologia (BRANDT; RODRIGUES; BURCI, 2016). Dito isso, verificou-se neste estudo que das 92 participantes, 18% relatam que não utilizam o método corretamente, enquanto 57% relatam que o utilizam e outras 25% das entrevistadas não respondeu, o que nos leva a acreditar que possam não ter respondido por possuírem dúvidas quanto ao uso correto do método. Felipe *et al.* (2013) identificou que quanto a pontualidade no horário de tomar os comprimidos 81,2% das entrevistadas responderam que o tomavam no mesmo horário todos os dias.

Ainda neste sentido, 67% das participantes informaram que utilizam o método com orientação profissional, 16% afirmaram que utilizam sem orientação e outras 16% não responderam a pergunta. Já o estudo de Felipe *et al.* (2013) identificou um percentual um pouco maior, visto que 93,9% das participantes utilizavam o método contraceptivo hormonal com prescrição do método feita pelo médico.

A pesquisa verificou que das 92 participantes, apenas 12 (13%) referem ter filhos, sendo que destas, 7 os tiveram com idade entre 18 e 30 anos, o que certamente poderá prejudicar em algum momento suas atividades acadêmicas.

Assim, já na universidade, os jovens dão continuidade à sua vida sexual mesmo que de maneira errônea, sem uso de preservativos, ou nenhum modo de proteção. Muitos precisam se ausentar da faculdade devido à gravidez, atrasando os estudos e tendo que repor aulas posteriormente (LIMA *et al.* 2019).

Quanto as funções dos métodos contraceptivos hormonais, 95% das participantes afirmaram que a função é prevenir gravidez, 27,5% também disseram ter função de tratamento hormonal, 7% referiram a utilização em tratamento de acne, 1,1% para tratamento de endometriose. Porém os resultados a seguir evidenciaram dados bastante preocupantes, relacionado ao conhecimento acerca dos métodos

contraceptivos hormonais, onde uma participante referiu que o método contraceptivo hormonal também é indicado para prevenir Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST's); sete citaram que o método hormonal também é utilizado para tratamento uterino e ovariano e 4 delas responderam que o contraceptivo hormonal pode ser utilizado no tratamento de doenças não mencionadas. Identifica-se um déficit de conhecimento importante, quando a participante relata que o método contraceptivo hormonal possui como indicação a prevenção de IST. Fato que se torna um risco para a saúde.

“Como se sabe, os anticoncepcionais não evitam a transmissão de DST's entre os parceiros, eles fazem um controle hormonal que apenas evitam uma eventual gestação indesejada pelo casal” (LIMA *et al.*, 2019).

A maioria das participantes do estudo (83,7%) referiram que nunca tiveram complicações em decorrência do uso do método contraceptivo hormonal, por outro lado, a pesquisa de Borges; Sabino; Tavares (2016) evidenciou que um dos fatores que implicou na descontinuidade do consumo do contraceptivo hormonal foi a presença de efeitos indesejados. Sendo que foram identificados em seus estudo relatos de alteração do ciclo menstrual, sensibilidade mamária, cefaleia e alteração do peso (BORGES; SABINO; TAVARES, 2016).

O uso de contraceptivos hormonais está entre os fatores de risco para Trombose Venosa Profunda (TVP), a qual está diretamente ligada à anormalidades da hemostasia e formação de coágulos sanguíneos (SOUSA; ÁLVARES, 2018). Como uma das formas de prevenção das doenças cardiovasculares tem-se a prática de atividade física, sendo, portanto, o sedentarismo um fator de predisposição para a mesma (MATSUDO, 2006). Neste sentido, o presente estudo evidenciou que apenas 53,3% das usuárias de métodos contraceptivos praticam alguma atividade física, de forma que as que não praticam possuem risco aumentado para a TVP.

Outro ponto também relacionado ao uso do método contraceptivo hormonal e hábitos de vida é o uso de drogas lícitas, como o álcool e o tabaco. Os anticoncepcionais hormonais não são indicados para quem é tabagista. E ser fumante é um dos maiores fatores de risco para ocorrência de trombozes e embolias em usuárias de contraceptivos hormonais (BORGES; SABINO; TAVARES, 2016). E infelizmente, o presente estudo verificou que das 92 participantes do estudo, apenas 84 responderam quanto ao uso de drogas lícitas, e destas, 71,4% apenas responderam que não utiliza drogas lícitas concomitante ao uso do método contraceptivo hormonal.

Das participantes que responderam quanto a uso de drogas lícitas, 24% afirmaram fazer uso do álcool concomitante ao uso do contraceptivo hormonal, o que corrobora com os estudos de Monte *et al.* (2017) que também verificou que a quantidade de universitárias que consomem bebida alcoólicas é predominante.

Alguns nomes comerciais de contraceptivos orais mais usados no Brasil são: Ciclo 21, Yasmin, Selene e Diane 35. Ressalta-se que além do efeito contraceptivo esses medicamentos proporcionam alguns benefícios, tais como: prevenção de gravidez ectópica, alívio da dismenorreia, prevenção de endometriose, cistos ovarianos e melhora de pele acneica, e como riscos, podem apresentar: alterações da libido e do humor, cefaleia, vômitos e náuseas (SOUSA; ÁLVARES, 2018). O presente estudo verificou também que os contraceptivos mais utilizados entre as participantes foram, por quantidade de aparecimento nas respostas: Diane 35, Yasmin, Nactali, Elani ciclo, Yumi, Primera 20, Selene, Ciclo 21, Belara e Ferane 35 o que corrobora com o estudo de Sousa; Álvares (2018) e Borges; Sabino; Tavares (2016) verificou também que o tipo hormonal mais frequente entre universitárias da área da saúde participantes do seu estudo foi também o Diane.

O estudo verificou uma deficiência relevante na preparação das acadêmicas de enfermagem em relação aos métodos contraceptivos, pois quando questionadas se estão preparadas enquanto acadêmicas de enfermagem, das 92 futuras Enfermeiras, 50 (54,3%) não se sentem preparadas acerca dessa temática. Neste sentido, apesar das acadêmicas de enfermagem apresentarem melhores condições, com relação ao acesso a informações, as mesmas ainda apresentam necessidades quanto ao uso dos métodos contraceptivos hormonais. Portanto, conforme conclui Felipe *et al.* (2013), “a graduação deve ter ações voltadas não apenas para finalidades teóricas, mas também através de atividades educativas extracurriculares voltadas para a saúde da mulher independente da área”.

CONCLUSÃO

Diante do exposto, observa-se que o objetivo do estudo pôde ser alcançado, sendo possível, além de identificar o perfil das acadêmicas, também descrever os conhecimentos das mesmas acerca dos métodos contraceptivos hormonais.

Verificou-se que o perfil das acadêmicas de enfermagem participantes desse estudo se assemelha em muitos aspectos com o perfil encontrado em outros estudos sobre a mesma temática, já realizados no Brasil: idade entre 18 a 30 anos, solteiras, sem

filhos, católicas, que utilizam ou já utilizaram métodos contraceptivos hormonais, por um período entre 2 a 5 anos, com o objetivo de prevenir uma gravidez, com orientação profissional, de forma correta e que conhecem as interações medicamentosas do método contraceptivo hormonal. Também verificou-se que apenas 53,3% praticam atividade física e que 24% fazem uso de álcool. Sendo que 54,3% não se sentem preparadas acerca dessa temática enquanto futuras profissionais de enfermagem.

É explícita a claudicância quanto ao preparo e conhecimento das acadêmicas de enfermagem desse estudo, o que se torna um risco para a saúde sexual e reprodutiva das mesmas, bem como para as mulheres que futuramente serão cuidadas por elas, enquanto enfermeiras.

Esse estudo fornece subsídios para o planejamento de atividades de educação curriculares e extracurriculares sobre essa temática no ambiente intra e extra universitário a fim de corrigir as deficiências e acrescentar.

Ressalta-se a importância da Universidade em conjunto com o Núcleo Docente Estruturante (NDE), com a Coordenação e o com o Corpo docente do Curso rever como está sendo a abordagem da temática prevista na matriz curricular, bem como propor outras atividades educativas curriculares e extracurriculares, para que essas acadêmicas sanem suas dúvidas e se sintam preparadas para atuar no mercado de trabalho como Enfermeiras aptas as ações de Planejamento Familiar.

O estudo teve como limitação a falta de investigação relacionada ao uso/associação do contraceptivo hormonal ao preservativo, bem como a verificação de outras informações, como sexarca, comportamento sexual, descrição dos efeitos colaterais frente ao uso do contraceptivo hormonal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Ana Paulo Ferreira de; ASSIS, Marianna Mendes de. **Efeitos colaterais e alterações fisiológicas relacionadas ao uso contínuo de anticoncepcionais hormonais orais.** Rev Eletron Atualiza Saúde, 2017, 5.5: 85-93. Disponível em: <<http://atualizarevista.com.br/wp-content/uploads/2017/01/efeitos-colaterais-e-altera%C3%A7%C3%B5es-fisiol%C3%B3gicas-relacionadas-ao-uso-cont%C3%ADnuo-de-anticoncepcionais-hormonais-orais-v-5-n-5.pdf>>. Acesso em: 8, Março. 2020.

BARBOZA, Jéssica Soares dos Anjos *et al.* **Utilização de métodos contraceptivos entre discentes do curso de Enfermagem de uma Universidade do Nordeste.** Research, Society and Development, 2021. Disponível em: <<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/13886>>. Acesso em: 24, maio. 2022.

BARRETO, Vitória Silva Paz. **Controle de natalidade no Brasil no século XX e a resistência feminina.** XII Encontro de História, 2020. Disponível em: <https://www.encontro2020.pe.anpuh.org/resources/anais/22/anpuh-pe-eeh2020/1602074052_ARQUIVO_60649141909d6e95b97d3a8f14c5afed.pdf>. Acesso em: 25, abril. 2022.

BORGES, Miriam Cristina; SABINO, Ana Maria Neves Finochio; TAVARES, Beatriz Barco. **Conhecimento sobre os efeitos dos contraceptivos hormonais por acadêmicas da saúde.** Revista Baiana de Enfermagem, Salvador, 2016. Disponível em: < <https://pdfs.semanticscholar.org/7c01/bbo1f6ea4afb8e557529547a760ae8b232e6.pdf>>. Acesso em: 15, maio. 2022.

BRANDT, Gabriela Pinheiro; RODRIGUES, Ana Paula; BURCI, Lígia Moura. **Conhecimento de usuárias de anticoncepcionais orais acerca de hábitos e interações medicamentosas em uma unidade básica de saúde.** Visão Acadêmica, Curitiba, 2016. Disponível em: < <https://revistas.ufpr.br/academica/article/view/50667/31866>>. Acesso em: 17, maio. 2022.

BRANDT, Gabriela Pinheiro; OLIVEIRA, Anna Paula Rodrigues de; BURCI, Lígia Moura. **Anticoncepcionais hormonais na atualidade: Um novo paradigma para o Planejamento Familiar.** Revista Gestão & Saúde, 2018, (18):54-62. Disponível em: < <https://herrero.com.br/files/revista/fileffb43b6252282b433e193bacf91d43f7.pdf>>. Acesso em: 25, abril. 2022.

BRASIL. [Constituição (1996)]. **Constituição da República Federativa do Brasil:** promulgada em 12 de janeiro de 1996. 175º da Independência e 108º da República. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9263.htm>. Acesso em: 26, abril. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher.** Princípios e Diretrizes. Brasília, 2004. Disponível em: < https://conselho.saude.gov.br/ultimas_noticias/2007/politica_mulher.pdf>. Acesso em: 26, abril. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde da Criança e da Mulher.** Brasília, 2009. Disponível em: < https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/pnds_crianca_mulher.pdf>. Acesso em: 26, abril. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Resolução N.º 466,** 2012. Disponível em: <<https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>>. Acesso em: 24, maio. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Conheça mais sobre os métodos contraceptivos distribuídos gratuitamente no SUS.** Brasília, 2015. Disponível em: < <https://www.unasus.gov.br/noticia/conheca-mais-sobre-os-metodos-contraceptivos-distribuidos-gratuitamente-no-sus>>. Acesso em: 26, abril. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Resolução N.º 510,** 2016. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>>. Acesso em: 24, maio. 2022.

FARIAS, Mareni Rocha *et al.* **Utilização e acesso a contraceptivos orais e injetáveis no Brasil.** Revista de Saúde Pública, 2016, 50: 14s. Disponível em: <<https://www.scielo.org/article/rsp/2016.v50suppl2/14s/pt/>>. Acesso em: 8, Março. 2020.

FELIPE, Thais Baptistella, *et al.* **Avaliação do conhecimento sobre os contraceptivos orais entre as universitárias.** Revista da Universidade Vale do Rio Verde, Três Corações, 2013. Disponível em: < http://periodicos.unincor.br/index.php/revistaunincor/article/view/1027/pdf_10>. Acesso em: 17, maio. 2022.

FINOTTI, Marta. **Manual de Anticoncepção** / Marta Finotti – São Paulo: Federação Brasileira das Associações de Ginecologia e Obstetrícia (FEBRASCO), 2015. Disponível em: < <https://central3.to.gov.br/arquivo/494569/>>. Acesso em: 26, abril. 2022.

HERTER, Liliane Diefenthaeler; ACCETA, Solange Garcia. **Anticoncepção e gestação na adolescência.** Jornal de Pediatria, 2001. Disponível em: < https://web.archive.org/web/20180720030210id_/http://www.jpmed.com.br/conteudo/01-77-S170/port.pdf>. Acesso em: 26, abril. 2022.

KRAMER, Kássia *et al.* **Conhecimento de estudantes universitárias sobre o uso de contraceptivos orais combinados.** Brazilian Journal of Development, 2020. Disponível em:

<<https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/14582>>. Acesso em: 24, maio, 2022.

LIMA, Larissa Nobre de, *et al.* **Conhecimento dos estudantes da área da saúde acerca dos riscos dos anticoncepcionais hormonais.** Revista Eletrônica Acervo Saúde, 2019. Disponível em: <<https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/1335/1124>>. Acesso em: 17, maio, 2022.

LUPIÃO, Andreza Cristine; OKAZAKI, Egle de Lourdes Fontes Jardim. **Métodos anticoncepcionais: revisão.** Revista de Enfermagem UNISA, 2011, 12.2: 136-141. Disponível em: <https://d1wqtxst1x2le7.cloudfront.net/45231470/Ciclo_menstrual_e_pilula_do_dia_seguinte-with-cover-page-v2.pdf?Expires=1653242599&Signature=EHx575AQiIvOz7EPWJy8YCD6HDO4k3dBQSZYnyNQ1gSN2LPQqVZ3Q7~RDjklxHCQ1mWSc7gSZdoWy26fNd8FMnaYP3J5vyNgM7wcfF3wTKCP1939UBF~nlZgu~HQaCghrlaVFAl~cqKVUtTQUXK8V2NHioPHkZwLFMCorcYYZuYooE9~G8ar8rLrOaa4AbmP5oe65Q9CoodICwO8aSkYKPP2H4sLGcUaFrS1WFaQx4X9omnPcF46NQXoSigdy7ERiaoCqV43Kn7CMjj~DpEMtgorsUbVeNtive9UrNVzjsCrtwkG5HkVYc3Mf~moexjD~GymfBchnhooDgf34euiw__&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA>. Acesso em: 8, Março, 2020.

MATSUDO, Sandra Mahecha. **Atividade física na promoção da saúde e qualidade de vida no envelhecimento.** Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, 2006. Disponível em: <https://citrus.uspnet.usp.br/eef/uploads/arquivo/37_Anais_p135.pdf>. Acesso em: 17, maio, 2022.

MONTE, Camila Kaori Motoyama, *et al.* **Pesquisa de opinião quantitativa - o consumo de drogas lícitas no meio universitário.** Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2017. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/sudeste2017/resumos/R58-1161-1.pdf>>. Acesso em: 17, maio, 2022.

MONTEIRO, Ana Aroso. **Novos métodos contraceptivos.** Revista Portuguesa de Medicina Geral e Familiar, 2005, 21.5: 475-83. Disponível em: <<http://www.rpmgf.pt/ojs/index.php/rpmgf/article/view/10171>>. Acesso em: 8, março, 2020.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Planejamento Familiar.** Um Manual Global para profissionais e Serviços de saúde, 2007. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/44028/9780978856304_por.pdf?sequence=6>. Acesso em: 26, abril, 2022.

PAIVA *et al.* **Uso de métodos contraceptivos entre acadêmicos da área da saúde.** Semina: Ciências Biológicas e da Saúde, 2020. Disponível em: <<https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/semnabio/article/view/38965>>. Acesso em: 24, maio, 2022.

POLI, Marcelino Espírito Hofmeister *et al.* **Manual de anticoncepção da FEBRASGO.** Femina, 2009, 37.9: 459-92. Disponível em: <http://criticaresaude.com.br/_recursos/download/manual_de_anticoncepcao_febrasgo_2009.pdf>. Acesso em: 9, março, 2020.

SANTOS, Mário Verânico dos *et al.* **A eficácia dos contraceptivos orais associados ao uso de antibióticos.** Revista de Ciências Médicas, 2006. Disponível em: <<https://seer.sis.puc-campinas.edu.br/cienciasmedicas/article/view/1125/1100>>. Acesso em: 17, maio, 2022.

SARMENTO, Maria do Socorro Ribeiro *et al.* **Comportamentos sexuais e o uso de métodos contraceptivos em universitárias da área da saúde.** Revista Mineira de Enfermagem, 2018. Disponível em: <<https://cdn.publisher.gn1.link/remee.org.br/pdf/e1112.pdf>>. Acesso em: 17, maio, 2022.

SILVA, Ângela Walverlya Pinheiro Silva; CAVALCANTI, Marília Abrantes Fernandes; NASCIMENTO, Elanny Gurgel Cosme do Nascimento. **O conhecimento e uso de métodos anticoncepcionais por mulheres nordestinas.** Revista de Atenção Primária a Saúde, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/aps/article/view/15837/22908>>. Acesso em: 17, maio, 2022.

SILVA, Raimunda Magalhães da *et al.* **Planejamento Familiar: significado para mulheres em idade reprodutiva.** Ciência e Saúde Coletiva, 2011. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/csc/a/dckRYn7SHsC53qF6qMxQp8s/?format=html>. Acesso em: 23, maio. 2022.

SOUSA, Ismael Carlos de Araújo de; ÁLVARES, Alice da Cunha Morales. **A trombose venosa profunda como reação adversa do uso contínuo de anticoncepcionais orais**. Revista de Divulgação Científica Sena Aires, 2018. Disponível em: <<http://revistafacesa.senaaires.com.br/index.php/revisa/article/view/304/214>>. Acesso em: 17, maio. 2022.